

Somos todos Noah e Allie



Daniele Jordão
Luciana Helena Mussi (monitora)
Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)

No verão passado, ganhei de minha avó o livro *O Diário de uma Paixão* do autor Nicholas Sparks (2010). Um romance fluido, de leitura fácil e escrita simples, ideal para o descanso. É engraçado, entretanto, como o livro em sua simplicidade me mobilizou.

Levou-nos a refletir a respeito da velhice e, mais especificamente, sobre amor e escolhas nesse período da vida. Até que ponto nossa liberdade é limitada, e nossas relações são por essa limitação quando a velhice chega?

A história começa com o protagonista, Noah, discorrendo sobre sua vida. Ele fala de seus arrependimentos, dos bons momentos, escolhas e um pouco de sua rotina. Noah retorna, então, ao ano de 1946 na Carolina do Norte, e conta a história de amor que aconteceu entre ele e sua esposa Allie. Finalizada a história, ele retorna ao presente, explicando ao leitor o que aconteceu com o casal a partir daquele momento.

Descobre-se que Allie foi acometida pela doença de Alzheimer e que ao receber o diagnóstico, ela decidiu tomar decisões práticas que facilitassem sua vida e de todos em sua volta. Elaborou seu testamento, escreveu cartas para seus filhos, marido, amigos e parentes, e optou por se internar em uma casa de repouso, acompanhada de Noah.

Com 80 anos, Noah fala da vida na casa de repouso, o que foi feito de sua relação com Allie, e como as escolhas que eles fizeram ao longo da vida afetaram esse momento específico. Ele relata que Allie, em função da doença, já está em um estágio crítico, e por isso não se lembra dele. Mesmo assim, todos os dias, religiosamente, ele lê seu diário para ela: o diário que contém detalhes da história de amor entre os dois.

Allie já não se reconhece mais como protagonista da história, e a atitude de Noah de recontar a história todos os dias para ela não é compreendida pelos médicos, que insistem em afirmar que ela não recuperará a memória. Apesar disso, o fato de o protagonista manter a rotina do “recontar”, faz com que Allie melhore visivelmente e apresente um quadro mais favorável, comparando-se com os outros pacientes com Alzheimer, que também vivem na casa de repouso.

Noah, desse modo, continua na tentativa de fazê-la lembrar, de cuidar dela, e de amá-la acima de todas as limitações físicas e sociais impostas ao casal. Mesmo com a atitude desacreditada dos médicos e da insistência dos filhos para que ele volte para casa, ele continua com sua esposa.

É um romance doce, e que fala de realidade. Afinal, se a sorte estiver a nosso favor, envelheceremos e teremos de lidar com as vantagens e desvantagens desse período nos diversos aspectos da vida, independentemente do modo que elas se apresentem. Sentiremos o quanto profundo será esse impacto, e que esferas de nossa existência vão abranger.

Todos nos perguntaremos se ainda somos livres para escolher e para amar.

Sobre escolhas, amor, e liberdade

- Eu não quero ferir seus sentimentos, porque você tem sido tão bom pra mim, mas...*
- Eu espero. As palavras dela me machucam. Vão arrancar um pedaço do meu coração e deixar uma cicatriz.*
- Quem é você?*

Esse trecho do livro refere-se ao momento em que Allie acaba de ouvir a história contada por seu marido. Eles conversam, ela lhe faz perguntas, ele as responde de maneira sucinta. Estabelece-se uma conexão, uma sintonia entre os dois, mas ela não consegue se lembrar de quem ele é.

A relação entre o casal se modificou e essa transformação apareceu como resultado das limitações que o tempo trouxe. Seria isso uma regra? As relações estão destinadas a sofrerem uma mudança radical fruto das questões que aparecem com a idade?

Pensando inicialmente sob uma perspectiva corporal, pode-se dizer que o corpo passa por mudanças oriundas do envelhecimento. Cada corpo de modo único e singular, e não há maneira de evitar essas mudanças. A sensação corporal, a maneira como o indivíduo se relaciona com o próprio corpo e, como esse corpo se apresentará como instrumento de estar no mundo vão se alterar.

Partindo do princípio que o corpo é um instrumento do “relacionar-se”, pode-se inferir que a modificação de sua organização afetará as relações daquele determinado indivíduo. É natural que isso ocorra, e no caso de Allie e Noah, enquanto o corpo dela sofreu a limitação da memória, o dele, enrijecido e mais dolorido trouxe impasses para o toque, a mobilidade, e a sensação.

Para Noah a mudança é clara. Em diversos momentos ele fala sobre como sua relação, em termos corporais, mudou com Allie. Uma das frases mais marcantes é quando ele conta como é segurar as mãos de Allie, depois da doença:

Uma dor latejante percorre meus dedos, e isso me faz lembrar que, desde que viemos para cá, nunca mais nos demos as mãos com os dedos entrelaçados. Isso me deixa triste, mas a culpa é minha, não dela. É a artrite em sua pior forma, reumatoide e avançada.

Pegar na mão de Allie aos vinte anos não é o mesmo que fazê-lo aos oitenta. Expandindo esse “mínimo gesto”, podemos presumir que o beijo, o abraço, a sensação do corpo do outro não será a mesma na medida em que tanto o corpo de um quanto o de outro se modificaram.

O que ocorre na história, frente a esse contexto, é uma redescoberta de si mesmo e do outro. Noah passa a conhecer a “nova” Allie, entender o que a incomoda e o que lhe é agradável. Toca-a de maneira diferente, olha-a de outro modo. Allie, por sua vez, passa por um processo intenso de reencontrar Noah, conhecê-lo como se nunca o tivesse visto antes. Segundo ele “aos poucos acabamos nos conhecendo outra vez”.

É interessante pensar, assim, no quanto essa mudança do esquema corporal, e as implicações que traz, é vista de forma majoritariamente negativa. Pode, porém, representar uma descoberta, uma espécie de renascer, e a oportunidade de conhecer de novo o outro, de renovar os relacionamentos existentes, e iniciar de maneira distinta os novos, que por ventura apareçam. É uma oportunidade de se olhar, se sentir de maneira diferente e perceber que isso é fruto de uma história que nós mesmos construímos.

Relacionada com a perspectiva corporal podemos refletir sobre a questão da escolha, à luz do caso de Allie. As mudanças ocorridas, fruto do processo de envelhecimento, geralmente aparecem gradualmente e não são as mesmas para todos os indivíduos, mas em um ponto elas coincidem: todos sabemos que elas chegarão.

Para alguns, como no caso de Allie, essa consciência é mais clara, justamente por ser marcada por um diagnóstico ou por uma condição. Para outros, as mudanças são inexatas, e vem sem aviso prévio. Nos dois casos aparece a questão da possibilidade da escolha. Serei senhor das minhas escolhas quando meu corpo estiver mudado?

Allie, ao receber o diagnóstico exerce seu poder de escolha. Ela se apropria de sua vida, escolhe para onde vai, e que tipo de providências quer que sejam tomadas quando já estiver impossibilitada. A diferença do caso de Allie para outros é clara, porque nem sempre haverá um indício do tipo de mudanças que ocorrerão, logo, seu impacto no poder de escolha não é, necessariamente, previsível.

Para que o idoso consiga apropriar-se de suas escolhas é necessário que haja compreensão e entendimento por parte das pessoas com quem ele convive de que, apesar da mudança ocorrida que pode ou não levar a limitações em algum nível, ele é um indivíduo dotado de vontade própria. É claro que a vontade nem sempre será condizente com a limitação, por isso o diálogo, o espaço para que o idoso possa se expressar, opinar, discutir e explicar é necessário.

O idoso precisa ser ouvido, mas só isso não basta. Ouvir apenas para acalmar, para evitar o diálogo, para demonstrar uma tentativa de compreensão não é efetivo. Esse ouvir deve ser seguido da tentativa real de compreensão e, principalmente, da disponibilidade para conciliar a vontade daquele indivíduo, com as possibilidades que são apresentadas a ele naquele momento.

A tendência de “patologizar” o processo de envelhecer existe, e, a nosso ver, tem um papel fundamental nessa “retirada do poder de escolha” do idoso. As mudanças em termos de esquema corporal e, consequentemente, o modo como o indivíduo se relaciona com o mundo acontecem, mas elas não fazem parte dos todos os estágios do desenvolvimento? Qual o motivo de considerar o ser humano nessa fase como incapaz de apropriar-se de suas escolhas?

É claro que a velhice particularmente traz mudanças que, de fato, podem ser limitadoras, mas se tais alterações acontecem para todos, e fazem parte do processo de desenvolvimento é ilógico transformar esse momento em uma doença que incapacita. Talvez, o ideal seja, exatamente, o movimento contrário, o de descobrir oportunidades e encontrar maneiras para que nessa fase da vida, como em todas as outras, o indivíduo possa se apropriar de suas escolhas.

Allie e Noah parecem, de algum modo, se apropriar de suas escolhas por terem feito uma opção, e dado um sentido a ela, baseados na situação de vida naquele momento. Noah poderia ter acatado a sugestão dos filhos, ficado em casa, e poderia ir visitar Allie de vez em quando. Mesmo Allie poderia ter ficado em casa, ter sido cuidada por seus filhos, sua família. Existiam possibilidades, escolhas a serem feitas, mas o casal, baseado na sintonia gerada por sua história, escolheram ficar juntos, desenvolvendo maneiras de lidar com suas consequências.

Levantamos, neste ponto, a questão que consideramos crucial. Nossas escolhas geram consequências, e raramente trará só consequências boas. Consideramos, assim, fundamental a apropriação da própria escolha, fruto de um sentido baseado na história de vida, tornando possível lidar de modo mais tranquilo com as consequências, sejam elas negativas ou positivas.

Se Noah seguisse a sugestão dos filhos, e ficasse em casa, estaria ele lidando de forma tranquila com as consequências dessa decisão? Não se incomodaria com a ausência de Allie, com a impossibilidade de ajudá-la e de construir a relação sob uma nova perspectiva? E Allie como se sentiria estando em casa, oscilando entre momentos de lucidez e amnésia, seria fácil lidar com as consequências que ela tentava evitar?

Provavelmente o sentido atribuído no caso de Noah e Allie, e a tomada de decisão a partir desse sentido fez com que mesmo numa situação muito difícil, ambos conseguissem lidar melhor com as implicações geradas por ela, e isso é apropriação. A partir disso o casal pôde se conhecer novamente em diversos níveis e, ao mesmo tempo, manter a relação de anos, que fizeram questão de cultivar e preservar.

Entendemos, assim, que o processo de envelhecer traz mudanças no nível da corporeidade, e que essas mudanças terão impacto nas relações que estabelecemos com o outro e com nós mesmos. Como Noah e Allie, nossa velhice trará questões, condições e situações. Cabe a cada um, baseando no histórico vivencial, criar um sentido a partir de tudo isso, e exercer o poder de escolha.

Desse modo, poderemos amar, escolher, ser livres. Poderemos ser todos Noah e Allie.

Referências

SPARKS, N. *O Diário de uma Paixão*. São Paulo/Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2010.

Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.

Daniele Jordão - Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: daniele_jordao93@hotmail.com

Luciana Helena Mussi – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: lucianahelena@terra.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Supervisora Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduados em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: ruthgclopes@pucsp.br